



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ANA CAROLINE BONFIM PEREIRA

**MEDO SOCIAL: REPRESENTAÇÕES DO CRIME E DA VIOLÊNCIA NA  
BAIXADA DO AMBRÓSIO**

Orientador: Prof. Dr. Ed Carlos de Sousa Guimarães

MACAPÁ

2015

ANA CAROLINE BONFIM PEREIRA

**MEDO SOCIAL: REPRESENTAÇÕES DO CRIME E DA VIOLÊNCIA NA  
BAIXADA DO AMBRÓSIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Amapá, como pré-requisito para obtenção do título de graduado em Ciências Sociais (Licenciatura e bacharelado), submetido à banca examinadora composta pelos professores:

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Ed Carlos de Sousa Guimarães (Orientador)

Instituição: UNIFAP

---

Prof<sup>a</sup> Ma. Adriana Tenório da Silva (Examinadora 1)

Instituição: UNIFAP

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Gláucia Maria Tinoco Barbosa (Examinadora 2)

Instituição: UNIFAP

# **MEDO SOCIAL: REPRESENTAÇÕES DO CRIME E DA VIOLÊNCIA NA BAIXADA DO AMBRÓSIO**

Ana Caroline Bonfim Pereira

**RESUMO:** O presente trabalho pretende discutir as representações de medo e as mudanças de alguns hábitos sociais, a partir da geração do medo do crime e violência, e como são constituídos e vivenciados na Baixada do Ambrósio, localizada na área portuária do município de Santana no estado do Amapá. Para a elaboração deste artigo, a metodologia utilizada foi a revisão de literatura, além de pesquisa de campo. As categorias de análise: violência, medo e território buscam contextualizar a experiência vivida e a intensificação do conflito entre insegurança e o cotidiano dos moradores desse locus. Tornam-se assim, uma contribuição para o entendimento de outras possíveis dinâmicas sociais. Este artigo analisa o medo e insegurança social presente nessa localidade, e elabora uma reflexão sobre o medo associado à criminalidade, suas consequências nas relações sociais; propriamente nos comportamentos individuais decorrentes do medo, na medida em que regulam horário para entrar e sair, de acordo com suas percepções de risco, baseados na dinâmica local da violência. As observações de campo apontam a desconfiança entre as pessoas da vizinhança, em especial aos adolescentes; o convívio social distanciado; abandono do poder público e enfraquecimento da cidadania.

**Palavras-chave:** Medo, Criminalidade, Baixada do Ambrósio.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, discutem-se as percepções do medo especificamente o medo do crime, aborda-se o medo não como uma faceta da personalidade, ou seja, de caráter individual com características psicológicas, mas como um fenômeno social advindo de experiências, que provocam um persistente e recorrente senso de mal-estar (Cf. FELIX, 2009, p.157). O medo social é uma espécie de medo de segundo grau, como define Bauman (2008) o medo derivado orienta os comportamentos, e se torna importante na modelagem humana, consiste em uma estrutura mental estável, um sentimento de ser suscetível ao perigo, uma sensação de insegurança e vulnerabilidade (Cf. BAUMAN, 2008, p.9).

Buscou-se, incorporar tal análise às características e elementos locais envolvendo o contexto das imediações da Baixada do Ambrósio localizada no município de Santana, através da realização da pesquisa de campo, com objetivo entender a dinâmica do medo sob a ótica dos moradores dessa região específica, a partir de então, os resultados contribuirão para a compreensão de alguns aspectos da representação da violência.

O objetivo principal é entender como os moradores dessa área periférica vivenciam o fenômeno do medo e quais os mecanismos utilizados para a diminuição da insegurança, nesse lugar, onde os moradores não utilizam recursos tecnológicos de segurança, como sistemas de alarmes, cercas elétricas, mas possuem outras formas de se protegerem do crime, essas formas foram também objeto de investigação e compreendidas de acordo com o contexto local.

As técnicas de análise de dados foram qualitativas, a metodologia utilizada foi composta de literatura sobre o medo, violência, crime e periferias, além de pesquisa de campo realizada na Baixada do Ambrósio, no município de Santana no estado do Amapá. Com esse intuito foram realizadas entrevistas com questões semiestruturadas, cujas mesmas foram direcionadas a diversos moradores antigos e novos dessa região.

Foram totalizadas quinze entrevistas entre adolescentes, adultos e idosos, além de conversas informais no início da pesquisa, para alcançar proximidade e confiança dos interlocutores num total de sete visitas à Baixada do Ambrósio. Essas entrevistas tiveram o objetivo de investigar a experiência que os moradores têm em relação ao medo no contexto da violência urbana.

Para a pretensão inicial deste artigo, apresenta-se a discussão sobre o medo na modernidade e a análise dos autores com Hobbes, Norbert Elias e Delumeau sobre o tema, contextualizando como em cada época da história o medo tinha um objeto específico e como foi se modificando até o surgimento do medo do crime, nesta parte, discorre-se sobre a

associação da pobreza com o crime, e como foi construído o discurso de classe perigosa, a suspeição contra determinados grupos e a vinculação do território perigoso.

Em seguida, proporciona-se uma contextualização da área que foi objeto de estudo, a Baixada do Ambrósio, analisa-se a significação da violência, mobilizando os conceitos de perigo e risco, mostram-se os instrumentos que são utilizados para a segurança das casas autoconstruídas, desta forma analisam-se os mecanismos de proteção e segurança utilizados por esses moradores para se protegerem de roubos, assaltos e danos ao patrimônio.

No tópico controle dos corpos e da vida, expõem-se as consequências na vida dessas pessoas que, diante do medo do crime, moldam seus comportamentos à nova realidade e reorientam-se para conviver com o medo e a insegurança e como os adolescentes representam um problema para o locus, bem como, pondera-se como os jovens dessa área são considerados uma ameaça para a vizinhança e ao final são elaboradas algumas considerações sobre a pesquisa empreendida.

## **MEDO NA MODERNIDADE**

Na modernidade o fenômeno do medo é crescente, muitos autores se debruçaram sobre a discussão deste tema, entre os quais: Thomas Hobbes, em sua obra *Leviatã*; nela é possível entender como o discurso do medo pode ser identificado e legitimado em favor da utilização racional do poder repressivo do Estado para alcançar suas diversas finalidades.

Para o filósofo, o medo predominava entre os homens no estado de natureza, o medo era tratado como estruturante das relações políticas. Em suas palavras: “se fosse removido todo o medo, a natureza humana tenderia com muito mais avidez à dominação do que a construir uma sociedade” (HOBBS, 1998, p.28). Logo, a igualdade entre os humanos pode resultar em conflitos permanentes, a igualdade é o fator que leva à guerra, a qualquer momento podem ferir, bem como serem feridos, em decorrência da fragilidade do próprio corpo.

O medo recíproco impera entre os homens no estado de natureza, segundo Hobbes, nesse estado era inevitável o conflito, porque os desejos pelas mesmas coisas ocorriam e muitas não eram compartilhadas e desfrutadas em comum, o que, portanto definiria sua posse era justamente a força, o embate. Essa é a primeira fundamentação do direito natural, ou seja, é direito de todo indivíduo, para proteger seu corpo e membros da morte e dos sofrimentos, poder usar todos os meios possíveis para autodefesa e preservação de sua vida.

De acordo com Hobbes, o que faz o homem temer é o desconhecido: “o medo perpétuo que acompanha os homens ignorantes das causas, como se estivessem no escuro,

deve necessariamente ter um objeto” (HOBBS, 2003, p. 94). Neste contexto, o homem sempre tem medo de ser morto ou escravizado e esse temor, portanto, obrigaria os homens a fundarem um estado social e a autoridade política.

A paz só seria possível se cada um abdicasse de seus direitos em favor de um soberano que, ao herdar os direitos de todos, teria um poder absoluto, o medo é maior do que a vaidade, assim, os homens concordariam em transmitir todos os seus poderes a um soberano, cujo mesmo teria a função de eliminar o medo entre os indivíduos e garantiria, portanto a liberdade.

A ideia de Hobbes é mostrar que para impedir a insegurança nas conturbadas relações de poder, é necessário o Estado. O Estado Hobbesiano também é marcado pelo medo “o soberano governa pelo temor que atinge seus súditos”, portanto, com o Estado esse temor entre indivíduos seria dissipado pelo temor ao soberano.

O Estado Hobbesiano não é resultado somente do medo da morte, não se limita apenas a deter a morte violenta, mas é nesse Estado que se encontra a esperança de uma vida melhor e mais confortável. A relação entre medo e esperança é observada na região da Baixada do Ambrósio, onde os moradores dominados pelo medo esperam uma ação repressiva e violenta do Estado na região, como atuação de uma polícia mais eficiente, capaz de diminuir a insegurança; pois, por trás do medo ainda persiste a esperança de uma vida tranquila.

No processo civilizador, Norbert Elias explica que o medo possui sua importância na estrutura de nossa conduta e personalidade, os medos formam um dos canais e dos mais importantes, através dos quais a estrutura da sociedade é transmitida às funções psicológicas e individuais, o medo para ele, faz da estrutura social “se os medos que nos afetam de repente se tornassem mais fortes ou fracos, o que denominamos de nossa razão desmoronaria ou entraria em colapso” (ELIAS, 1993, p. 268).

Para o autor “Só obtemos uma melhor compreensão das mudanças de conduta e sentimentos numa direção civilizadora, se nos tornarmos conscientes das mudanças na estrutura dos medos construídos a que eles estão ligados” (ELIAS, 1993, p.269).

Ainda de acordo com o mesmo, a possibilidade de sentir medo, exatamente como a de sentir alegria, embora esses sentimentos não dependam somente da sua própria natureza, são também determinados pela história e estrutura real de suas relações com outras pessoas, pela estrutura da sociedade e mudam com ela. “Sua força, forma, e papel que desempenham na personalidade do indivíduo dependem da estrutura da sociedade e de seu destino nela” (ELIAS, 1993, p. 270).

De acordo com Elias, as constantes produções e reproduções de medos pela pessoa são inevitáveis e indispensáveis onde quer que seres humanos vivam em sociedade. Mas não devemos acreditar nem tentar nos convencer de que os comandos e medos que hoje imprimem sua marca na conduta humana tenham como "objetivo" simples, e fundamental, essas necessidades básicas de coexistência humana, e que estejam limitados em nosso mundo às restrições e medos necessários a um equilíbrio estável entre os desejos de muitos e a manutenção da cooperação. “Nossos códigos de conduta estão cheios de contradições e de desproporções como formas de vidas sociais, como também a estrutura de nossa sociedade” (ELIAS, 1993, p. 270).

Dessa forma, Elias explicita que, os sentimentos de repugnância, vergonha, desagrado e nojo foram importantes no processo civilizador, uma vez que moldou o nosso comportamento e a estrutura de nossa mente, o medo constitui uma função social na regulação da sociedade, do mesmo modo Hobbes acredita que o medo é a função estrutural do Estado.

O medo não é exclusivo deste período em que vivemos, na verdade o medo sempre acompanhou o homem, é o que afirma o historiador Jean Delumeau em seu livro: História do Medo no Ocidente, no qual afirma que a sensibilidade ao medo é um dos maiores componentes da experiência humana, assim como os esforços para superá-lo.

Delumeau identifica algumas formas de medos coletivos ocidentais e afirma que independente do motivo que causa o medo, a necessidade de segurança é fundamental e está na base da afetividade e da moral humana, afirma também que o medo difuso se estabelece com as mudanças na sociedade europeia com as guerras, os conflitos religiosos e as epidemias.

Para Delumeau, no decurso da história, os medos foram modificados ou seus objetos foram se transformando, portanto, o autor destaca a onipresença do medo no contexto europeu, o qual, segundo o mesmo, estaria em todas as partes, nesse aspecto em particular, discorre sobre as mudanças e passagens dos medos, primeiro: o medo da noite; depois o medo das epidemias no tempo da peste negra; o medo de morrer de fome e a partir do século XIV o medo dos pobres.

O medo dos pobres foi construindo o contexto atual do problema social da violência urbana, que expressa o medo generalizado e exacerbado do crime. O medo associado à criminalidade e a pobreza está inserido nas transformações políticas e sociais mais recentes em nossa sociedade, e formou no Brasil a cultura do medo, determinando mudanças no comportamento e hábitos sociais.

## CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO

As análises são decorrentes da pesquisa de campo, com realização de entrevistas com questões semiestruturadas, cujas mesmas foram realizadas com os moradores da Baixada do Ambrósio, localizada no município de Santana/AP.

A escolha da Baixada do Ambrósio como espaço da pesquisa de campo, deve-se primeiramente ao fato de que em 2013 ingressei no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Violências e Criminalizações (GEPVIC) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); e nesse grupo, devido às amplas discussões sobre violência, surgiu o interesse em aprofundar pesquisas relacionadas à violência e criminalidade urbana; momento em que alguns membros do grupo já haviam incursionado pesquisas sobre a Baixada do Ambrósio, no projeto “Representações da Criminalidade Urbana: Medo e Insegurança Social no Estado do Amapá”, em conjunto com integrantes do Programa de Educação Tutorial (PET), grupos dos quais fui integrante entre 2012 a 2015, sob a tutoria do professor doutor Ed Carlos Guimarães.

A partir dessa pesquisa na Baixada do Ambrósio, formulei o projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, considerando as inquietações sobre algumas narrativas dos entrevistados que me chamaram atenção, pois, em diversas vezes os moradores falavam sobre medo e explicavam como lidavam com a insegurança e violência na localidade.

Concomitantemente aos fatos retro, a Baixada do Ambrósio foi uma das áreas apontadas como “zona sensível” por possuir notória concentração de tráfico de drogas, segundo relatos das mídias locais, onde foram registrados altos índices de criminalidade nos anos de 2011 a 2014, de acordo com os dados do Centro Integrado de Operações de Defesa Social (CIODES) da Polícia Militar do Amapá. Nessa área foram empreendidas grandes operações policiais (“Sophia 2”, “Berinjela”, “Apocalipse” e “saturação”), a última foi a de preparação para a implementação da Unidade de Policiamento Comunitário (UPC) e outras atuações recorrentes de apreensão de grande quantidade de drogas e prisão de criminosos.

A Baixada do Ambrósio está situada às margens do rio Amazonas, especificamente nas imediações da área portuária do município de Santana no estado do Amapá, surgiu concomitantemente à implementação da mineração no início da década de 1950, com a instalação da empresa Indústria e Comércio de Minérios S.A. (ICOMI).

Paralelamente à instalação da empresa mineralógica Indústria e Comércio de Minérios S.A. (ICOMI), neste período iniciou-se a construção da ferrovia Santana/Serra do Navio no Estado do Amapá, cuja finalidade era transportar os operários e o carregamento de minério, entretanto trouxe variados problemas sociais para região.

Conseqüentemente Santana teve um grande crescimento populacional, e muitas pessoas, como populações ribeirinhas e diversos migrantes principalmente do estado do Pará e do Nordeste deslocaram-se para Santana-AP, com objetivo de conseguir empregos e bons salários, e isso ocasionou o aumento desordenado da cidade, gerando bolsões de miséria, viajantes, ribeirinhos alojaram-se em pequenos barracos, palafitas, formando, assim, o que mais tarde seria a Baixada do Ambrósio.

E junto com o “desenvolvimento” do município de Santana, houve o crescimento do comércio informal e ilícito, casas de prostituição, drogas entre outros. “O nome do lugar ficou conhecido devido à figura de ‘seu’ Ambrósio Vitorino Marques Neto, que em 1954 chegou ao local e construiu um estaleiro para prestar serviços à então recente empresa instalada no Amapá” (LEAL, 2015, p. 18).

A área é densamente povoada por uma população, reconhecidamente pobre, portanto, vulnerável socialmente, os quais ocupam uma imensa área de várzea, também conhecida como área de ressaca ou de ponte, esses espaços alagadiços são impróprios para a moradia, mas são ocupados por famílias inteiras, que impedidas de acesso às condições habitacionais melhores, direcionam-se para lá.

A Baixada do Ambrósio acomoda uma população que tem em sua identidade traços do modo de vida “de ribeirinhos”, pois suas casas são de madeira, algumas com pedaços de papelão e panos, são do tipo palafitas, erguidas na água, a madeira da ponte se desgasta com o tempo e torna-se precária, o que dificulta a passagem das pessoas pelas pontes.

As casas são muito próximas, reunidas por aglomeração, entre igrejas, banca de vendedores informais, pequenos comércios, batedeiras de açaí e venda de alimentos prontos, todas interligadas por pontes de madeira, havendo uma única via principal em concreto. (Cf. ANDRADE, 2014).

A Baixada do Ambrósio é estigmatizada como um lugar perigoso, com acúmulo de violência e crime, essa imagem é moldada com ajuda da mídia local e reconhecida por aspectos negativos, principalmente pelo tráfico de drogas, que se instalou facilmente no local, devido a ausência do Estado, os moradores demonstram esse quadro quando falam dos conflitos de gangue; insegurança; medo do crime e expressam desamparo por parte poder público.

Nas primeiras visitas à Baixada do Ambrósio, portanto os primeiros contatos com os seus moradores, percebeu-se que os mesmos vivem em permanente sentimento de medo, decorrente daquele contexto, circunscritos numa área de criminalidade, como tráfico de

drogas, furtos, roubos, confrontos de gangues e assassinatos, esses fatos, em si, ocasionam uma grande sensação de medo.

O cenário é repleto de sensação de insegurança e de medo, dessa forma para necessária discussão, aduzem-se as principais definições do fenômeno do medo do crime, violência e insegurança, bem como essas reflexões se articulam com as dinâmicas sociais presentes na Baixada do Ambrósio.

### **MEDO DO CRIME, VIOLÊNCIA E INSEGURANÇA.**

A violência e o medo, ou a percepção de ambos, compõem de forma real ou simbólica o cenário cotidiano dos sujeitos e suas representações no mundo e caracterizam um novo paradigma da violência (Cf. FELIX, 2009, p.156). De acordo com Vera Malagutti Batista (2003) a concepção de medo coletivo ligado à pobreza e a criminalidade, desde a corte imperial e outros momentos históricos no Brasil tiveram grande importância para a formação da cidade urbana no Brasil até os dias de hoje, partindo da hipótese que a hegemonia conservadora na formação histórica do Brasil, utiliza o medo difuso para justificar políticas autoritárias de controle social.

Com o advento das cidades e aumento da violência, o Estado teve de enfrentar a tarefa desencorajadora de administrar o medo, teve de criar uma nova rede de proteção. Esses medos tiveram início com a redução do controle estatal e suas consequências individualistas. (Cf. BAUMAN, 2008, p. 10-11)

A cidade que emergiu como um espaço para proteger as pessoas, agora parece perder sua função, sendo dominada por uma cultura do medo, a insegurança moderna é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana (Cf. BAUMAN, 2009).

O crescente medo do crime e a preocupação com a decadência social fez aumentar a tensão entre os diferentes grupos sociais, a tolerância diminuiu e praticamente desapareceu o interesse pela busca comum de soluções para os problemas urbanos (Cf. CALDEIRA, 2000, p. 255). Nas metrópoles, a origem do crime está frequentemente associada às periferias e os criminosos são vistos como pessoas que vêm desses espaços marginais, que supostamente lhe dão origem.

O conceito de classe perigosa dava fundamento teórico para o grande debate pós-abolição. A relação trabalho/ociosidade/criminalidade enriquecia o debate parlamentar por uma lei de repressão à ociosidade. Estavam presentes nesses debates os mesmos fundamentos teóricos da estratégia de atuação da

polícia para as primeiras décadas do século XX. A preocupação principal de garantir que, com a abolição da escravatura, os negros continuassem sujeitos ao trabalho, criou a estratégia da suspeição generalizada, contra os afro-brasileiros, vistos como suspeitos preferenciais (MALAGUTI, 2003, p.38).

O conceito de classe perigosa vinha sendo construído desde a abolição da escravatura no Brasil, como uma forma de repressão criou-se a noção de suspeição generalizada sobre os negros na sociedade brasileira, que construíram os guetos e favelas, logo com o local destinado a “classe perigosa”, dissemina-se a existência de uma territorialidade específica do perigo.

Já a discriminação duradoura é baseada sempre em informações equivocadas, estigmatizando grupos considerados perigosos pela tradição criminosa associada ora pela etnia, ora pelo local de moradia, ora pela condição financeira etc. São as clássicas afirmações de que negros e pobres são mais propensos ao crime (PASTANA, 2005, p.189).

A associação da pobreza, violência e crime vitimiza àqueles socialmente excluídos, que possuem características e signos da marginalidade e não dispõem dos símbolos que caracterizam o cidadão de bem, são estes em sua maioria moradores de periferia, pobres e negros os “suspeitos preferenciais”.

O sentimento de medo e apreensão sem objeto definido parece estar de fato presente nos centros urbanos, essa atmosfera e as narrativas que procura lhe dar sentido parecem de fato orientar as práticas direcionadas ao controle do crime e ao sistema penal. A criminalidade ou ainda os "criminosos" acabam assumindo, portanto, a forma de objeto para a insegurança (ALMEIDA, 2015, p.2).

Os pobres estão cada vez mais isolados em guetos. A guetificação é paralela e complementar à criminalização da pobreza. O gueto e as prisões são uma forma de força “para prender os indesejáveis ao chão”, mantendo-os confinados e imobilizados (BRITO, 2005, p.63).

O perigo como alerta Bauman (2009, p. 111), é que “um gueto não é um viveiro de sentimentos comunitários”. É, ao contrário, “um laboratório de desintegração social, atomização e de anomia” (BRITO, 2005, p.63). O medo do crime e a produção de estereótipos de outros perigosos, os pobres, são outras dimensões do mesmo processo (CALDEIRA, 2000, p.338).

No Brasil temos a cultura do medo, entendida como somatória dos valores e comportamentos da população que, associados à questão da criminalidade, e que reproduz a ideia hegemônica de insegurança e perpetua uma forma de dominação marcada pelo autoritarismo e pela rejeição aos princípios democráticos. (Cf. PASTANA, 2005, p.183).

Enfim, o que se observa hoje é uma verdadeira cultura do medo, onde a busca pela proteção contra o crime torna-se, ao mesmo tempo, obsessão e produto. Os valores legitimados pela coletividade que surgem em decorrência dessa cultura começam a aparecer de forma sutil, como em pesquisas de opinião e manchetes sensacionalistas, para rapidamente se cristalizarem nas mais variadas formas de comportamento segregantes, ações discriminatórias e políticas públicas autoritárias (Cf. PASTANA, 2005, p.190). Assim também como é reproduzida pela fala do crime.

Na definição de Caldeira (2000, p.27) “a fala do crime são todos os tipos de conversas, comentários, narrativas piadas, debates e brincadeiras que têm o crime e o medo como tema”. O medo e a fala do crime também ajudam a violência e a proliferar algumas ações, e organizam estratégias cotidianas de proteção e reação que tolhem os movimentos das pessoas e restringem seu universo de interação.

Diferentes estratégias para proteção e comportamentos diante do medo e da sensação de insegurança, dependendo da classe social esses mecanismos se diferem, os componentes de classes abastadas, são os que aparentemente sentem-se mais ameaçados, embora nem sempre essas medidas sejam adotadas por experiências ou riscos diretos, a insegurança ameaça o modo de vida dessa classe, ameaça o lugar conquistado na sociedade, o status e os privilégios de que se goza.

Para manter a segurança, essas classes utilizam todo aparato de tecnologia de segurança disponível, movimentando um grande mercado no Brasil, os mesmos constroem grandes muros em volta das residências, instalam cercas, sistemas de segurança, câmeras, alarmes e contratam empresas privadas de vigilância. “A ampla difusão do medo do crime incitou pessoas de todas as classes a buscarem formas de moradia mais seguras” (CALDEIRA, 2000, p.255).

As elites se distanciaram de várias maneiras, do espaço público e se fecham em enclaves fortificados (condomínios, ruas e inteiros bairros fechados, shopping centers vigiados, áreas de lazer exclusivas etc.) com uma lógica diametralmente oposta à da expansão dos direitos. A sensação de segurança não depende tanto da ausência do crime, mas da distância social (Cf. CALDEIRA, 2000, p.19).

Apesar de estar no senso comum, que as classes abastadas possuem mais medo por possuírem mais bens materiais, e por essa razão existem diversos estudos voltados para mostrar a atmosfera do medo nessas áreas mais estruturadas, diferentemente este trabalho, tem como enfoque a percepção de medo na periferia, este artigo busca mostrar como os

moradores da Baixada do Ambrósio são atingidos pelo medo e como vivenciam a sensação de insegurança nessas localidades.

Portanto, as populações pobres de regiões periféricas possuem alguns agravantes, pois ao mesmo tempo em que vivem em áreas preferenciais para recrutamento da criminalidade tradicional, são ao mesmo as principais vítimas dessa criminalidade adjacente, são também, devido ao seu local de moradia, mais vitimados pelo aparato repressivo-punitivo da polícia e justiça e os menos amparados pelo poder público, em decorrência da associação da pobreza à criminalização, são estigmatizados por vários marcadores sociais.

### **SIGNIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA: PERIGO E RISCO**

O medo do crime modifica comportamentos, rotinas, refletindo-se nas relações sociais em todos os contextos, em áreas periféricas como na Baixada do Ambrósio, a significação da violência, do medo e as mudanças advindas desse processo explicam os motivos das residências estarem constantemente fechadas e protegidas, ocasionando assim o enclausuramento das pessoas.

Os moradores reclamam que possuem limite de horário para entrar e sair, horários esses que foram atribuídos por eles próprios de acordo com suas percepções de risco, baseados na dinâmica local da violência, as observações nessas áreas apontam a desconfiança entre as pessoas da vizinhança, em especial aos adolescentes e o afastamento do convívio social.

O risco despertado pelo sentimento de insegurança mobiliza os moradores da região a articulação e criação de peculiares instrumentos de segurança com caráter próprio, a partir dos quais se cria um tipo específico de organização social.

Os perigos que atormentam os moradores são os que ameaçam o corpo e as propriedades (BAUMAN, 2008, p.10). O medo de o corpo ser atingido originou diversas regras de prevenção e condutas específicas, como áreas que não se deve passar em determinado momento, dia e hora, caminhos alternativos menos perigosos, dessa forma os interlocutores sentem-se incomodados, conforme os relatos seguintes:

Pra mim, morar aqui é um pouco sufocante, porquê não pode chegar tarde pra cá, porque fica marcado, tem horário para voltar para casa, qualquer coisinha é uma briga e as vezes quando acontece uma coisa; como essa semana aconteceu um tiroteio, pra quem tem filho pequeno como eu, fica com medo, dorme com medo é um pouco atribulado morar aqui (Moradora da Baixada do Ambrósio H, 2014).

Antes eu saía, agora nem saio muito mais, tem muito molequinho vendendo e roubando a qualquer hora do dia, a polícia não ajuda, tem os dias e horários pra sair de casa, não pode vacilar (Morador da Baixada do Ambrósio B, 2014).

A limitação de horários, locais e dias para sair ou entrar em casa, gera um sentimento de prisão para esses moradores, essa dificuldade que pode até impossibilitar as pessoas saírem de suas casas é reforçada pelo medo do crime. Alguns moradores da Baixada do Ambrósio revelam sentir muito medo de serem assaltados ou sofrerem algum tipo de crime e mobilizam-se para tentar manter a segurança de suas vidas e suas casas.

Surpreendentemente, alguns moradores entrevistados revelam não sentir medo, depreende-se que essa afirmação está relacionada primeiramente: às concepções locais de medo, que neste contexto estão relacionadas a um caráter individual que seria demonstração de fraqueza e vergonha, devido a uma concepção de que quem não está envolvido em crime não deveria ter medo ou temor, relação difundida entre medo e envolvimento com crime e tráfico de drogas.

A frase “quem não deve não teme” era frequentemente pronunciada, seguida da afirmação de que esses não sentem medo do crime e nem de morar na região e expressa que o conceito de medo está associado ao envolvimento com práticas criminosas e é marcador da diferenciação e separação entre os moradores, pois na lógica local quem não deve à sociedade, à polícia e a ninguém não deve temer a nada, logo o “cidadão de bem” não deve ter medo, mas sim o “bandido”.

Este processo de distinção, separação e distanciamento é essencial para análise das narrativas, essas são marcadas pela separação moral entre quem é do bem e quem é do mal, seguindo a concepção moral de tais conceitos, o distanciamento entre o “trabalhador” e o “bandido” é evidenciado recorrentemente nas narrativas e traça um aspecto importante para compreender a estrutura de organização dentro dessa Baixada do Ambrósio.

Entretanto, as atitudes e métodos para manterem a segurança de suas residências expressa o medo do crime presente; e fortemente disseminado sobre seus corpos e vidas.

Eu não tenho medo de morar aqui, porque não devo nada a ninguém, quem não deve não teme, quem deve ter medo são os “bandidos” e os vizinhos gostam de mim, eu não saio mais daqui, porque não tem lugar bom no mundo, todo lugar é perigoso (Moradora da Baixada do Ambrósio A, 2014).

Medo, medo, eu não tenho, mas não me acostumei morar aqui, vim de Altamira, de Porto de Mós, eu tenho muita vontade de sair daqui, aqui nessa área é violento (se refere à área inicial do Ambrósio) nas outras não, aqui é perigoso, porque toda hora tem policial, aquele tiroteio, briga de moleque, de vez em quando tem domingo que eles inventam de *tá* em grupinho, demora

começa o tiroteio, demora eles são presos, demora eles são soltos, porque eles são menor de idade, tem tudo isso, eles fazem porque sabem que vão sair no outro dia (Moradora da Baixada do Ambrósio I, 2014).

Não, eu moro, falo com todo mundo, nunca me mexeram (Morador da Baixada do Ambrósio J, 2014).

Eu não tenho medo, já vi muitas violências na minha frente, então, não tenho mais medo, perdi o medo. Por exemplo, tem uma violência ali, eu esquivo, eu só me afasto, quando eu era criança eu ia ver, agora não gosto (Morador da Baixada do Ambrósio L, 2014).

O não sentir medo está ligado à confiança na rede de parentesco e popularidade:

Moro há 8 anos aqui, eles me conhecem e eu nunca fui assaltado, respeitam os moradores, me sinto desconfortável por morar onde não tem segurança (Moradora da Baixada do Ambrósio S, 2014).

Eu estou sendo ameaçada, já mandaram um recado que vão me assaltar, mas eu não tenho medo, porque minha família é doída, eles vão se lascar! Só que eu não entro aqui sozinha à noite (Moradora da Baixada do Ambrósio R, 2014).

A maioria dos entrevistados da Baixada que possui muitos familiares no local, possui mais confiança de andar no Ambrósio, pois acredita que se algum infortúnio ou mesmo crime for perpetrado contra um deles, serão defendidos pelos seus familiares, da mesma forma a popularidade é uma característica importante, os que moram há muitos anos e conhecem toda a vizinhança, possuem confiança no seu reconhecimento pelos laços de amizade entre os vizinhos.

Outro motivo para afirmação do “não medo” na Baixada como marcador da distinção e separação explicado acima, é que esses moradores não querem reproduzir uma imagem negativa da Baixada, que já é segundo os mesmos, considerado um local “mal visto” e estigmatizado, expõem diversos momentos em que sofreram preconceitos pela associação da pobreza e espaço do crime, essas discriminações acontecem em vários espaços sociais, como nas escolas e no trabalho. Como explicitam os moradores da baixada do Ambrósio, ao lembrarem-se de alguns momentos que sofreram preconceitos:

Eu fazia meu cursinho, eles diziam que era brincadeira, eles sempre comentavam você mora aí e nem vai me vender uma droga? As pessoas não falam que moram aqui, têm vergonha. As pessoas quando sabem que a gente mora na baixada do Ambrósio, já enxergam com outros olhos, com preconceito mesmo” (Moradora da Baixada do Ambrósio G, 2014).

Na faculdade, quando eu digo que eu moro na Baixada do Ambrósio, dizem: ‘Deus me livre, quero passar bem longe’. Quando eu coloco meu currículo, eu coloco o meu comprovante de endereço no nome uma pessoa de outro

bairro e não o meu daqui, geralmente eles não contratam quem mora aqui” (Morador da Baixada do Ambrósio C, 2014).

Os moradores do Ambrósio são marcados pelo estigma resultante da concentração espacial da violência, portanto são associados à criminalidade, gerando imagens negativas dessa área e de seus moradores. O estigma constitui para Goffman, identidades deterioradas, por uma ação social que representa algo mau dentro da sociedade “O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo” (GOFFMAN, 1995, p.6).

Com a definição desse termo, entende-se que surgem duas divisões: os estigmatizados e os considerados “normais”, isto é, aquelas pessoas que praticam atos compatíveis com a moral vigente, moral socialmente reconhecida. “A precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo *outsider* por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído” (ELIAS, N. & SCOTSON, J.L, 2000, p. 23).

Este estigma é reforçado pela polícia na forma de atuar diante das populações pobres, o policiamento ainda é, dentro do território analisado, a única função presente do Estado. No caso da baixada do Ambrósio é único “serviço” do Estado que se torna visível no local, não existem escolas, postos de saúde ou qualquer outra estrutura concedida pelo Estado, somente seu braço repressivo.

A atuação da polícia é apontada como ineficientemente segundo dados colhidos na pesquisa de campo, pois os interlocutores apontam que a abordagem policial é outra situação que causa medo, pois costuma ser agressiva e o maior receio dessa população é a forma como é tratada pelos policiais.

Não gozam de alguns serviços básicos como água encanada, coleta de lixo, boa instalação elétrica, os moradores das áreas de pontes, sofrem com a falta desses serviços e estão sujeitos a diversos riscos decorrentes dessa precariedade.

## **AUTOCONSTRUÇÃO DO MEDO**

Diversas estratégias foram adotadas para proteção contra o crime, os moradores acreditam que estão em situação de risco constante, a ideia de risco está ligada aos perigos futuros de uma determinada ação (social ou individual), por isso não deixa de ter relação com a ideia de medo, os fatores que provocam o medo contínuo, são a incerteza e a insegurança (BRITO, 2005, p.47).

As habitações na área de ressaca analisada são autoconstruídas<sup>1</sup>, neste sentido a autoconstrução se refere à ilegalidade, por localizar-se em área de proteção ambiental, a irregularidade e improvisação, pois as casas são improvisadas com poucos recursos materiais, apresentando riscos a segurança física das pessoas, e a falta de infraestrutura na região. Desta forma os moradores são afetados por várias formas de ilegalidade, a condição de ilegalidade das construções e o caráter precário da Baixada do Ambrósio como um todo.

Para proteção das casas são instaladas trancas em portas e janelas (que consistem em alças de metal fixadas nas extremidades de portas e janelas, nas quais são transpassados pedaços longos de madeira para reforçar a segurança) ou usam pregos de metal e pedaços de madeira para que a janela não abra permanentemente, além do trancamento das casas, as condições habitacionais pioram pela grande quantidade de lixo acumulado no lago, ocasionando a poluição da água, emitindo forte odor, a poluição é uma das reclamações constantes dos moradores que sofrem e estão sujeitos aos riscos de doenças.

Os moradores se veem obrigados a transformar suas moradias em função da violência e da criminalidade, os mesmos sentem que suas casas se transformaram em verdadeiras prisões, ocasionando um sentimento de restrição e de perda. “Viver atrás de muros e portões expressa não só o medo e a necessidade de proteção, mas também mobilidade social, distinção, gosto, posição social, mas acima de tudo, medo, suspeita e segregação” (CALDEIRA, 2000, p. 293).

Utilizam objetos como chaves, colheres e copos pendurados atrás das portas e janelas para que quando alguém tente abrir, esses objetos caiam, avisando a entrada de estranho na casa, como explicam duas moradoras da Baixada do Ambrósio ao falar das estratégias de suas famílias para se protegerem do crime:

Aqui essa janela não abre, por causa de pau pregado, a janela do meu quarto nenhuma abre, só uma lá que eu tiro e a noite eu prego, a mamãe como ela é esperta coloca um monte de chave e colher atrás da porta, porque se pressionar a chave cai e ela sabe que tem alguém tentando entrar (Moradora da Baixada do Ambrósio G, 2014).

Só vou pro meu trabalho no dia a dia, chego em casa e pronto. Não mexendo com ninguém tudo bem, em casa tenho tranca pelo lado de dentro, pedaço de ferro, pregos, toda noite tem que trancar tudo, janela, porta, não pode ficar nenhum buraco, senão, se ficar é roubado (Moradora da baixada do Ambrósio J, 2014).

---

<sup>1</sup> O conceito “autoconstruída” é utilizado aqui como foram desenvolvidas por Caldeira, em sua obra Cidade de muros.

Na Baixada do Ambrósio é muito comum o uso desses mecanismos, esse fato está ligado ao significado da violência, pois esses moradores consideram o lugar muito violento, consequência direta do tráfico de drogas, segundo os mesmos, conforme relato:

Passamos por momentos difíceis aqui, porque a violência é demais, se você fica chocada quando vê alguém morrendo, você não sabe o que eu já vi aqui, pra mim é normal, gente levando facada, morrendo (Moradora da Baixada do Ambrosio E, 2014).

Apesar dos mecanismos utilizados, para eles não há como escapar totalmente da violência que atinge a região, “se tiver que acontecer alguma coisa, nada pode impedir” e de certa forma expressa a naturalização da violência entre eles.

Outro aspecto é que as casas na Baixada são muito próximas, então é quase impossível se proteger se acontecer algo na casa ao lado, além de qualquer pessoa poder entrar nas casas durante o dia, visto que não se utiliza a mesma precaução que se utiliza à noite e isso aumenta a sensação de insegurança juntamente com a impotência diante da violência cotidiana que atinge a região.

Em poucas casas, observam-se várias trancas nas portas e janelas, algumas também possuem grades de ferro e surgiu um instrumento novo, que são portões fortificados de madeira, que evitam a entrada de pessoas sem a autorização na ponte que liga a casa à ponte principal, algumas possuem ainda mais um portão intermediário entre o portão de entrada e a porta da casa: “O Portão é para nos proteger da entrada de alguém, na hora que vem pra mexer. Na hora da briga mesmo, eles invadem com um pedaço de pau na casa da gente, se tiver aberto já sabe e tem tranca e cadeado nas janelas”. (Morador da Baixada do Ambrósio K, 2014).

Alguns moradores explicam que os portões são os principais instrumentos utilizados para segurança dessas pessoas, esses portões foram construídos depois de muitas brigas que aconteceram na região onde as pessoas envolvidas nas em confrontos de gangues corriam para se abrigar e os portões evitam a invasão de pessoas na casa.

Os portões diminuem os contatos e interação entre os vizinhos, contrariamente do que ocorre na Baixada do Ambrósio, pois os pátios das casas e as pontes que interligam a casa à ponte principal são espaços de sociabilidade, das conversas no fim de tarde, o que ao caminhar pelas pontes da Baixada do Ambrósio percebe-se um esvaziamento dos pátios.

A arquitetura específica das moradias autoconstruídas segue um padrão de improvisado que cresceu com a cultura do medo, da incerteza e do risco. Transformou sua maneira de viver, as relações sociais se modificaram, navegam entre o medo e a esperança, o medo do

crime, da violência contra a pessoa de bem e a esperança de que uma polícia violenta e seletiva possa resolver a sensação de insegurança.

Os portões estão sempre fechados, o fechamento dos portões e portas é uma figura simbólica que caracteriza este estado de medo e insegurança, que remete à metáfora das portas fechadas, elaborada pela autora Caldeira (2000), que percebe em suas entrevistas que os moradores tentam demonstrar uma sensação de insegurança, remetendo a porta fechada. Essa imagem exprime não só o medo das pessoas, mas também a realidade das restrições causadas pelo medo do crime.

Na pesquisa, os interlocutores expressam insegurança similar, pois quando era perguntado sobre quais mecanismos eram utilizados para se proteger, eles se remetiam ao portão e a porta e diziam que não poderiam ficar abertos e explicavam o reforço construído para o portão e porta ficarem mais fechados e seguros.

## **O CONTROLE DOS CORPOS E DA VIDA**

O enclausuramento do corpo é algo comum entre os moradores que como mecanismo de proteção não saem de casa, privam-se de diversas atividades fora do local, o enclausuramento em resposta ao medo do crime. Neste contexto de violência, medo e utilização do espaço público, uma situação bastante característica vem ocorrendo nesses lugares, os moradores evitam sair de casa e quando saem andam em grupo para intimidar os assaltantes.

Portanto os moradores anseiam pela intervenção preventiva e contínua da polícia, para eles a polícia atua de forma ineficiente nas áreas, os moradores expressam o desejo de uma polícia mais ágil, cita-se na Baixada do Ambrósio recorrentemente o Batalhão de Operações Especiais (BOPE), que para muitos seria a solução para extirpar a violência, o BOPE como a esperança da luta contra o mal, este fato produz o apoio às ações dos seus agentes na baixada “A polícia tem medo de entrar aqui, o BOPE já tem uma fama, entra pra agir, eu gosto porque eles fazem acontecer” (Moradora da Baixada do Ambrósio E, 2014).

A relação entre crime e insegurança, traduzida no medo da vitimização, é apenas uma das mazelas do homem urbano que, reivindica ações públicas de prevenção criminal, como a intensificação do policiamento ostensivo e a pena de morte, além da adoção de mecanismos de proteção individual. Entretanto, o medo do crime também está associado à prática policial, tornando indispensável a análise dos mecanismos formais de proteção social nos estudos do crime e do medo ( FELIX, 2009, p.157).

Diante de toda a sensação de medo e insegurança e a ausência de policiamento, os entrevistados explicam que evitam sair de casa como forma de manter sua proteção, como explicam as moradoras indignadas por não poderem sair devido à violência no local:

A única coisa que pode fazer é ficar dentro de casa e não sair, quando eu saio não levo celular eu não levo nada, as pessoas me ligam reclamando que eu não atendo, aí eu digo: se vocês morassem aqui tu ia entender. Nem cordão, pulseira, nada mesmo, deixo tudo em casa e vou só com a roupa (Moradora da Baixada do Ambrósio G, 2014).

Percebe-se nessas pontes o abandono do espaço público, do espaço de convívio com os vizinhos, pois estes também se tornam suspeitos e, sem muitas opções, essas pessoas entrevistadas se aprisionam em suas moradias, saindo apenas para o trabalho e para o compromisso religioso, algumas das estratégias para saída do local com segurança é andar sempre em grupo.

Na verdade a gente sai mais de dia, pela parte da noite é bem difícil a gente sair. Mas quando sai a noite que é pra ir à igreja, a gente reúne, sai todo mundo junto, pra não ir sozinho. Semana passada assaltaram os meninos, levaram os celulares deles (Moradora da Baixada do Ambrósio 4, 2014).

Eu fecho a casa, pra mim é seguro, mas nada de conversa com vizinho, ou aquela coisa de se meter com vizinho fofoqueiro. É seguro em parte com relação ao horário (Moradora da Baixada do Ambrósio O, 2014).

As pessoas trancadas em casa deixam de se organizar, pouco participam das decisões locais que afetam suas vidas e pouco convivem entre si. Trancam-se, armam-se e preparam-se para enfrentar os perigos reais, o risco do crime futuro limita a convivência social dos mesmos.

Entre os moradores existe a criminalização de certos grupos, desviantes morais, os adolescentes envolvidos no tráfico, que não possuem um emprego formal, causam mal-estar permanente dentro da Baixada, são a encarnação viva e ameaçadora da insegurança social (WACQUANT, 2010, p. 199). O crime é um dano social e o criminoso é um inimigo, é aquele que rompeu com as regras sociais e perturba a sociedade:

Eles ficam correndo, eles usam drogas e ficam se cutucando com um pau, e incomoda muito porque eu penso que é briga e me assusto muito, tranco a porta e fico em casa (Moradora da Baixada do Ambrósio G, 2014).

Não, o que incomoda é esse fumo deles, que incomoda até as crianças pequenas, eles fumam drogas, aí eles ficam violentos e mexem com as pessoas (Morador da Baixada do Ambrósio J, 2014).

As reclamações dos moradores contra os adolescentes da região são frequentes, e está associada ao uso de drogas em público, que para eles constitui desrespeito às “pessoas de bem” e também a ligação dos jovens com os crimes que acontecem na localidade que seriam motivados pelo uso das drogas, além dos incômodos que estes criam no local com o mau comportamento, as correrias, gritos, barulhos e som alto e a associação com o tráfico de drogas e gangues.

Diante de todo o contexto apresentado, muitos moradores só confiam sua segurança em Deus, como demonstram as narrativas abaixo:

Só me entrego na mão de Deus, na hora que eu deito na minha cama eu entrego meu corpo e minha vida pra Deus, meu escudo principal, por isso que eu não tenho inimigo (Morador da Baixada do Ambrósio S).

O descrédito nas políticas de segurança, no sistema de justiça e no Estado, direciona estes interlocutores a confiarem suas vidas e seguranças a seres divinos, pois entre os homens não há saída, não há serviços públicos, assistências ou a quem apelar por proteção.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O medo do crime na região investigada resulta do distanciamento total desses indivíduos com a sua cidade, com espaço público, muitas vezes, tornam-se estrangeiros dentro da própria comunidade, resultando assim, na perda de identidade cidadã, principalmente no que se refere à responsabilidade social perante aos demais cidadãos.

O medo é capaz de gerar uma intimidação contra os atos de cidadania, em um grau que vai de encontro às condições fundamentais de sobrevivência digna na cidade. O plano da ação e do discurso implica que as pessoas realizem sua capacidade de falar e atuar, tornando-se desse modo cidadãos de direitos. Se o medo produz o silêncio ele coopera para que a indignação aflore, perdendo sua capacidade de transformação e enfatizando o fechamento e a prisão dentro das casas.

A Baixada do Ambrósio, como foi demonstrado neste trabalho, está em condições precárias e sem infraestrutura, o Estado só se faz presente através de seu aparelho repressivo, ou seja, a polícia, seus moradores estão desassistidas de escolas, hospitais, áreas de lazer; além da falta de serviços públicos sofrem com os estigmas e as discriminações que delas resultam, o medo e a insegurança constante, e a privação de seus corpos, na mais simples das garantias da Carta Magna, o direito de ir e vir, para qualquer lugar e em qualquer momento.

A busca por proteção está sendo feita de forma individual, pois até as populações que não possuem condições financeiras para adquirir as tecnologias de segurança, constroem seus

próprios mecanismos e instrumentos, pois eles também são afetados pelo medo, até de forma mais intensa, pois vivem na inquietude, que está exposta nos fechamentos de portas e portões, refletindo na disposição das residências e nos isolamentos profundos entre o dentro e o fora.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Bruna Gisi Martins de. **Medo do Crime e Criminalização da Juventude**. Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente. Universidade Católica de Brasília. 2015. Disponível em <<http://www.crianca.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=294>>, acesso em 01/05/2015.
- ANDRADE, Arthur Anthunes Leite de. **Representação da criminalidade urbana: medo e insegurança social no bairro da Baixada do Ambrósio/AP**. Relatório final de pesquisa realizada no GEPVIC (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Violências e Criminalizações). Macapá: Universidade Federal do Amapá - Programa de iniciação científica voluntária – PROVIC. 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Medo líquido**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BRITO, Daniel Chaves de. **Ambivalência e Medo: Faces dos Riscos na Modernidade**. In BRITO, Daniel Chaves de; BARP, Wilson José (Org). *Violência e controle social: reflexões sobre práticas de segurança*. Belém: NUMA/UFPA, 2005.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2v, tradução da versão inglesa Ruy Jungmann; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FELIX, Sueli Andruccioli. **Crime, medo e percepções de insegurança**. *Perspectivas*, São Paulo, v. 36, p. 155-173, jul./dez. 2009.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC. 1975.
- HOBBS, Thomas. **Do cidadão**. Tradução de Renato Jeanine Ribeiro. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. Organizado por Richard Tuck. Tradução de João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva, Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LEAL, José Luis dos Santos. **Violência e Suspeição: um estudo sobre os casos de abordagens policial na Baixada do Ambrósio (AP)** Trabalho de Conclusão de Curso, Macapá; UNIFAP, 2015

MALAGUTI, Vera. **O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

PASTANA, Débora Regina. **Cultura do medo e democracia: um paradoxo brasileiro**. Revista Medições Londrina, V. 10, N. 2, P.183-198, JUL./DEZ. 2005.

SILVA, Helba da Cruz. **Condições de moradia da população do Ambrósio. Santana/AP**. Macapá, Trabalho de Conclusão de Curso, Macapá; UNIFAP, 2006.

SOBRINHO, Sergio Francisco Carlos Graziano. **Globalização e sociedade de controle: cultura do medo e o mercado da violência**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Direito. Rio de Janeiro: PUC. 2007.

WACQUANT, Loïc. **Insegurança social e surgimento da preocupação com a segurança**. Panóptica, nº19, julho-outubro, 2010, pp.198-213.